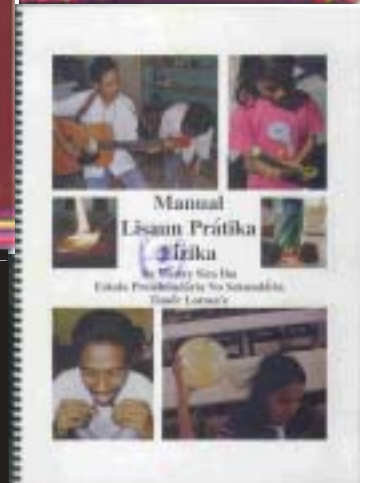
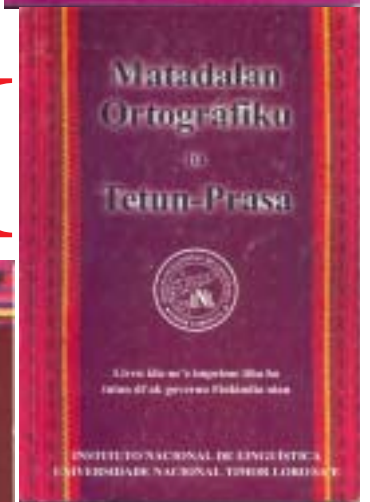
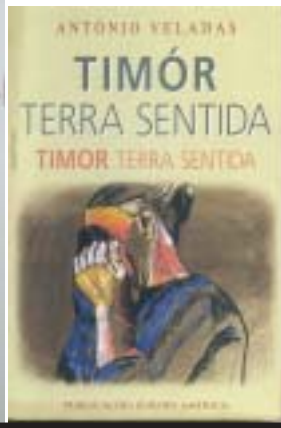
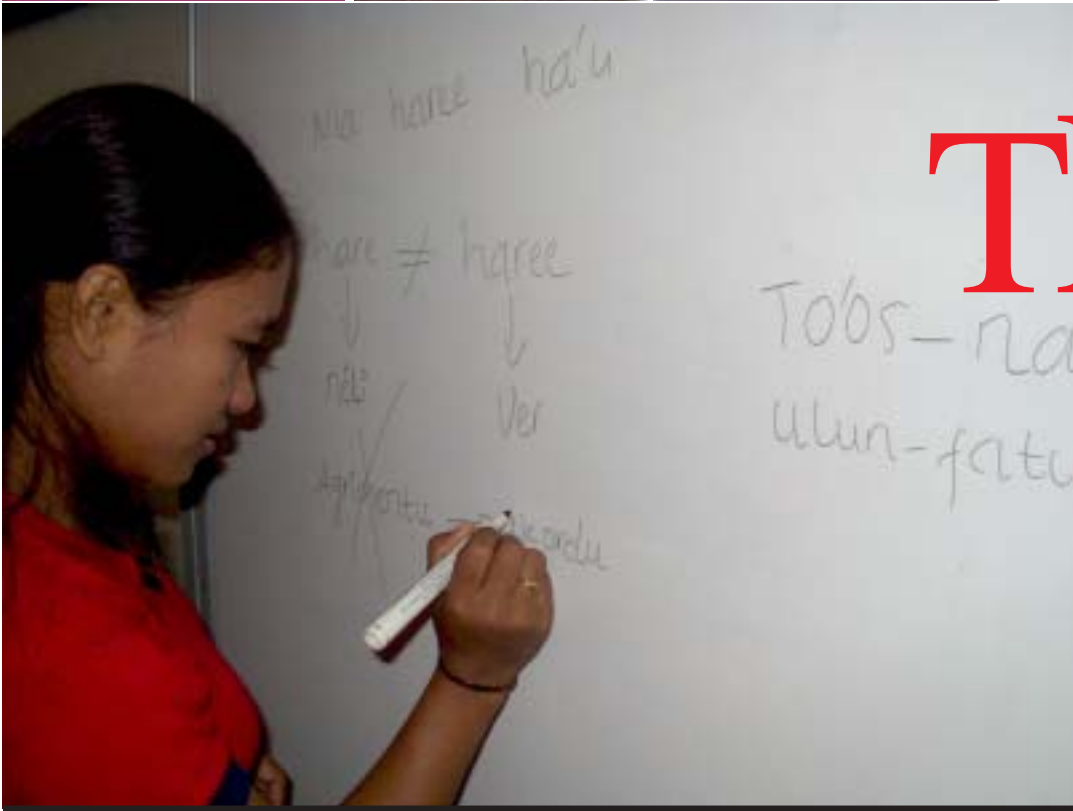




# O ESTADO

# DO

# TÉTUM

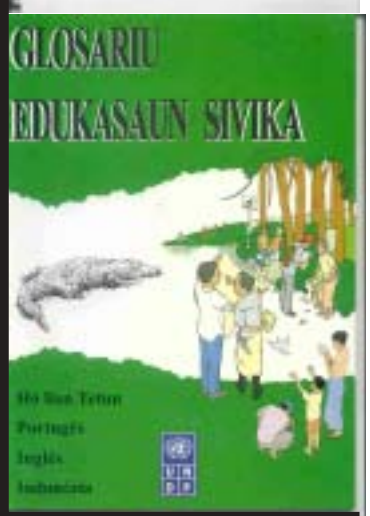


## TIMOR-LESTE NAS OLIMPIADAS DE ATENAS



Reportagem do nosso enviado especial

Notícias diversas sobre os eventos desportivos, a participação timorense e o dia-a-dia dos Jogos Olímpicos de Atenas





João Paulo Esperança

*directo...  
... do director*

A sétima edição do guia de viagens Lonely Planet sobre a Indonésia, publicada em Novembro de 2003, diz num texto assinado por um ignorante qualquer chamado Nick Ray (na página 33) que o Primeiro-Ministro Mari Alkatiri escolheu o português para língua oficial e que foi uma má escolha. O senhor que escreveu tal prosa passa por cima das decisões da Assembleia Constituinte democraticamente eleita em eleições organizadas pelas Nações Unidas, ignora as posições sempre oficialmente defendidas pelo CNRT, esquece as declarações de princípio dos partidos políticos deste 1975 até à independência, não tem em conta que o povo timorense elegeu os seus representantes sabendo de antemão que oficializar a língua portuguesa fazia parte do programa dos seus partidos.

Este tipo de declarações incorrectas é corrente em muitos meios de comunicação social, especialmente no mundo anglo-saxónico. Por outro lado, na minha terra costuma dizer-se “os cães ladram, mas a caravana passa”. Não creio que a opinião do senhor Nick Ray seja para levar a sério. Preocupa-me mais a atitude que persiste em certos jovens, que se queixam continuamente de que “o português é muito difícil”. Preocupo-me não pelo facto de eles não aprenderem português – há muitos outros que aprendem e quem fica a perder é quem fica parado – mas pelo que isso mostra da sua atitude perante a vida. Os argumentos deles deixam-se perplexo. Agora há quantidades enormes de livros e dicionários modernos distribuídos por todo o lado em Timor, incomensuravelmente mais do que alguma vez houve no tempo da administração colonial portuguesa. Há professores de nacionalidade portuguesa com cursos superiores de ensino de línguas espalhados pelo território,

enquanto na época colonial não havia cá universidade, muitas das professoras do Liceu eram as esposas dos militares aqui colocados, muitas crianças aprendiam a ler e a escrever nas escolas primárias da “psico-social” onde o professor era muitas vezes um militar com a quarta classe que lá ia fazendo o que podia, mas não tinha preparação adequada para a função. Dizem que não falam português em casa; no tempo dos portugueses havia poucas famílias em que a língua de casa fosse a portuguesa. O maior escritor que Timor já produziu, Luís Cardoso, escreve com mestria em português, mas só aprendeu este idioma quando entrou para a escola, como as outras crianças com quem brincava. Conheço aqui muitos timorenses com o quinto ano antigo (equivalente à escola pré-secundária), ou mesmo com a quarta classe, que falam português fluente, apesar de quase não poderem exercitá-lo durante um quarto de século. Conheci um senhor, na época motorista no escritório da Comissão Europeia em Díli, que domina a língua portuguesa e que me contou que tinha aprendido no mato com a Fretilin, nos primeiros anos da ocupação, escrevendo na terra e nas cascas das árvores. Conheço pessoas, jovens e menos jovens, que aprenderam a falar português com correcção desde 1999 até agora. É que já passaram cinco anos. Muitos dos que ficam a protestar que a língua portuguesa é difícil sabem agora o mesmo que sabiam nessa altura. Isso deixa-me confuso: o que esses moços e moças querem dizer é que têm uma capacidade intelectual menor do que a da geração dos pais e avós deles? Ou simplesmente não lhes apetece fazer pela vida, e daqui por uns anos irão fazer manifestações quando os colegas mais diligentes arranjam emprego e eles não?

Ensaio (recordar...)

## ‘Requiem’ Por quem? (Um ano depois de Santa Cruz)

Será que é necessário determinar os dias para recordarmos ou chorarmos os nossos mortos? Será que não se pode renovar a esperança mesmo quando o silêncio e a escuridão parecem não permitir mais do que a noite dos sentidos? Será que o abandono nos proíbe de querermos algo?

Escrevo num dia vazio, símbolo de outros dias vazios e distantes, marcado por uma ausência forçada e por uma nostalgia que teima em ser longa como a solução política da minha terra.

Passou-se a euforia mas ficaram ainda os resíduos de um remorso colectivo. Entretanto, de 12 de Novembro, marco da desonestidade do mundo, permanecem os estilhaços de uma esperança frágil e as ilusões que a juventude quis eternizar sob o pesado preço da morte. Certo, certo é que muitos morreram, alguns estão a morrer e outros ainda continuarão a morrer. O Vítor, a Ana e tantos outros que acreditaram no sonho puro de um Timor livre puderam solenizar esta crença com o sangue que honrará a minha terra e sublimará o preço da liberdade. À luz do desespero as simbologias e os gestos tenderão a ser definitivos; também à luz do desespero tudo se pode dizer, tudo se pode fazer...

Ao longo destes anos, longe de Timor, em que procurei valorizar-me pelo estudo e conhecimento das coisas, a fim de que o regresso possa também significar algum contributo, tive a preocupação de estar atento a ensinamentos de amor, a testemunhos de coragem e a lições de fidelidade. Li, convivi, assimilei, aprendi... Contudo, apesar deste percurso mais ou menos lúcido, sentia que faltava qualquer coisa. Encontro-me numa encruzilhada de culturas e sentimentos...

Ainda a tempo de me redimir, bebo hoje lições de coragem nos meus

irmãos que tombaram, dos vivos que continuam a resistir. Encontro testemunhos de humildade e de coragem serena nos nossos guerrilheiros. Não há revolta no seu olhar e a sua luta é positiva porque escolheram a liberdade e o direito à diferença. Todos eles fazem sentir-me ridículo, conseguem desmoralizar a estrutura lógica das minhas concepções e põem em causa os métodos da minha luta. Sinto orgulho em ser timorense mas, ao

quero esconder o meu desencanto pelo sonho ocidental. Fortemente enraizado na civilização cristã, o Ocidente – referência de pensadores e da defesa infatigável da dignidade humana – entendo-o agora como uma babel de ideias cansadas e de contradições interesseiras. Não me demitirei desta civilização que também herdei e que os meus antepassados conhecem há mais de 400 anos; o erro não está na doutrina. Contudo, vou-me habituar a viver

agora de olhos fechados, com mágoa pela Europa, com revolta pela América e com nojo pela Austrália. A felicidade de um povo não está num desenvolvimento imposto ou adulador e muito menos no pão obrigado “à força da paulada” ou sujo pela traição; a felicidade de um povo está também na liberdade de poderem escolher mesmo que seja a pobreza ou a solidão. Nunca perdorei a este governo australiano pelo que nos estão a fazer! Um pouco de sangue timorense ajudou também a construir a História e a liberdade australianas.

O que me consola mesmo é saber que Bush, Soeharto, Garrett Evans, etc., também hão-de morrer um dia. Não importa quando. Se eu não estiver cá para assistir, ainda

haverá timorenses que o farão por mim. Desconfio que vão morrer ingloriamente porque não vão morrer por causa alguma. Ao contrário, a Ana, o Vítor e os outros irmãos de luta, na plenitude da vida e do amor, morreram por uma causa justa e nobre. Morreram para que outros possam viver em liberdade num futuro, acredito, próximo. Ensinado pelos meus avós, creio ainda que, mesmo na morte, seremos muito fortes !!!

*Crisódio Tilman Araújo*

Prémio de texto DN Jovem, em Portugal depois re-publicado in “Kaibauk - Boletim de Informação Timorense” nº 0, Outubro de 1992



mesmo tempo, sei que este grau elevado de dignidade é assegurado pela luta honesta e coerente dos meus irmãos.

Dissecando o passado recente da minha terra e relembando a minha caminhada pessoal, com perda de muitos familiares, apetece-me pedir contas aos intervenientes activos deste processo desastroso. Não o faço porque os culpados não têm rosto ou estão ocultados nas “abébias” fornecidas pela “conjuntura da época”. E nada recomporá os desastres do passado. Interessa é pensar o futuro ainda que à luz de um pesadelo. Apesar de tudo, não devo esquecer o fracasso dos outros, para não repeti-los, e não

# SEMANÁRIO

Preencha correctamente e recorte pelo picotado

Envie em envelope fechado ao Apartado nº.341

SEMANÁRIO  
ASSINATURAS INSTITUCIONAIS

SEMESTRAL  
INSTITUIÇÃO: \_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

RESPONSÁVEL: \_\_\_\_\_ TELF \_\_\_\_\_

EXEMPLARES x Semana

publicidad@semanario.tp

## SEMANÁRIO POSTOS DE VENDA

Restaurante Tasquinha; Restaurante Água na Boca;  
Lita Store Supermercado; City Café; Acait Bistro;  
Restaurante Golden Star; Hotel Timor; Restaurante  
Vasco da Gama; Apart - Hotel Casa Minha

SEMANÁRIO

www.semanario.tp

Provedor do Leitor: Padre Leão da Costa

geral@semanario.tp

ADMINISTRAÇÃO DO JORNAL: Nuno Franco e Jorge Serrano - administra@semanario.tp / COORDENAÇÃO GERAL EDITORIAL E DIRECÇÃO DE INFORMAÇÃO: António Veladas / DIRECÇÃO: João Paulo Esperança director@semanario.tp - Redacção: António Veladas; Jordão Henrique; Nilva Guimarães - Editor de Desporto - Jordão Henrique; - CRONISTAS PERMANENTES: Mari Alkatiri; D.Ximenes Belo; José Ramos Horta; José Reis; Correia Pinto; Avelino Coelho; Paulo Carvalho; Ângela Carrascalão - Tradutor - Acácio - COLABORADORES: Sabino Pereira, Icha Bossa, Irta Araújo DIRECÇÃO FINANCEIRA, COMERCIAL: Director - Nuno Franco / Chefe de Departamento de Publicidade: Luís Marinho - publicidad@semanario.tp - Telefone: 7235018-7241878 / DISTRIBUIÇÃO: Marito PROPRIEDADE DO JORNAL: Semanário-Media, Lda. ADMINISTRAÇÃO SEMANÁRIO-MEDIA: Administradores: Jorge Serrano e Nuno Franco - media@semanario.tp

Certificado de Registo 07601 - Díli

# DESENVOLVER O TÉTUM

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES AVULSAS SOBRE PROPOSTAS ORTOGRÁFICAS

Alguns jovens protestam contra a escolha do português como língua oficial, dizendo que a língua deles é o tétum, mas o que é espantoso é que dizem isto em indonésio. Houve inclusive durante algum tempo uma revista chamada *Lian Maubere* (voz maubere), que era totalmente escrita em língua indonésia. É caso para perguntar se não deveria chamar-se antes *Suara Marhaen*, não me consta que os mauberes se expressassem na língua dos invasores ou fossem particularmente entusiastas do seu uso. Não vou debruçar-me neste texto sobre o português, que tem o seu lugar em complementaridade com o tétum, como língua co-oficial. Vou apenas analisar algumas ideias em relação ao tétum, e principalmente sobre algumas das coisas que se têm feito para o seu desenvolvimento. Continuo a pensar que é motivo de estranheza o facto de haver pouco envolvimento da juventude e de organizações de base na promoção e desenvolvimento do tétum. Os linguistas fizeram a parte deles, prepararam uma ortografia cientificamente válida e fundamentada que foi oficializada pelo Governo. Agora seria encorajador ver algum esforço dos jovens nacionalistas para não escreverem na língua da ocupação e para deixarem de escrever tétum com uma ortografia completamente macarrónica que revela não haver da parte de quem a usa qualquer respeito pela língua, que consideram “desprovida de regras” e “que cada um escreve como lhe der na real gana”. Isto contrasta profundamente com o que acontece noutras sociedades em que a questão da promoção de uma língua nacional se coloca como prioridade, nas quais se vê um grande envolvimento de jovens e de organizações culturais, associações locais, etc...

Um caso que conheço razoavelmente bem é o da Galiza, onde há mais de duas décadas a questão da ortografia oficial do galego é assunto debatido ferverosamente na sociedade, e onde cada proposta ortográfica conta com os seus acérrimos defensores e com as suas publicações próprias. Lá, como aqui, opõem-se opções políticas diferentes. As propostas de ortografia são elaboradas por linguistas, mas traduzem uma determinada política linguística que influencia as escolhas feitas. Na Galiza o debate principal é entre os que defendem uma ortografia própria, bastante influenciada pela do espanhol (ou castelhano), que são muitas vezes chamados “isolacionistas” pelos seus adversários, e os que preferem re-afirmar a ortografia galega da do português, que chamam a si mesmos

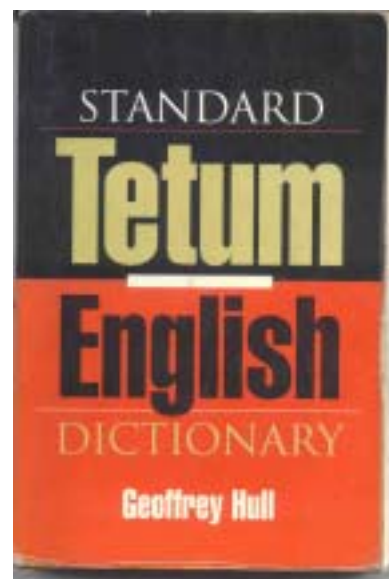
“reintegracionistas” e a quem os partidários do outro lado chamam “L u s i s t a s”. Estes reintegracionistas fazem as suas opções fundamentalmente por partilharem uma postura de rejeição do imperialismo cultural espanhol, a aproximação da sua língua materna ao português garante-lhes maior distância em relação à língua que vêm como ameaça directa, o castelhano. Ao mesmo tempo essa proximidade com o idioma que é irmão gémeo do galego abre as portas para um universo de 200 milhões de falantes da mesma língua.

Aqui em Timor também há diferentes opções políticas a condicionar as opções linguísticas. A primeira linha de demarcação é imediata e põe de um lado os que permitem na sua proposta de padronização a ocorrência de palavras do indonésio chegadas a Timor com a ocupação, bem como a utilização de barbarismos surgidos no tempo da “ditadura linguística anglo-saxónica” da UNTAET (falo de termos como \**agrimentu* em vez de *akordu*, \**komitementu* em vez de *empeñu* ou *kompromisu*, etc...). Alguns materiais escritos, por exemplo, pela Dra Catharina van Klinken incluem-se neste grupo. O Instituto Nacional de Linguística, por outro lado, defende que não havendo um vocábulo necessário a opção mais acessível, imediatamente disponível e que está mais de acordo com a política linguística do país é ir buscá-la ao português, e adaptar-lhe apenas a ortografia. É opção do INL, como foi da Igreja timorense quando no início dos anos 80 traduziu para tétum o missal para que o tétum pudesse ser aprovado como língua oficial da Igreja em TL, que não se deve usar no tétum literário nenhuns termos do indonésio. O INL, como a Igreja, vê a língua portuguesa como o parceiro histórico na evolução do tétum moderno, e a língua indonésia como aquela contra a qual há que cerrar fileiras por ser um factor corrosivo da especificidade cultural timorense. O Dicionário do Dr Luís Costa partilha com os materiais sobre a ortografia oficial publicados pelo INL a posição de princípio de rejeição de empréstimos lexicais indonésios. Tem muito mais coisas em comum, como o facto de propor uma ortografia etimológica para as palavras autóctones, que inclui por exemplo a marcação da

oclusiva glotal usada no tétum térique e em variedades do tétum-praça, mas não em Dfli (ou seja, quer o INL quer Luís Costa escrevem *ha'u*, *du'ut*, *to'os*...). A crítica que o público faz mais frequentemente ao Dicionário de Luís Costa é completamente despropositada: “Esse dicionário tem muitas palavras que não conhecemos, que são próprias do tétum térique!” Ora, uma das funções mais úteis que um dicionário tem é ensinar-nos muitos vocábulos que não conhecemos. O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa tem grande quantidade de termos que eu ainda não conheço, o *Kamus Besar Bahasa Indonesia* (*Edisi Ketiga*) do *Departemen Pendidikan Nasional* e da *Balai Pustaka* tem imensas palavras que qualquer indonésio não conhece. Isso não é um defeito, é uma qualidade. O tétum térique é uma fonte permanente de palavras para o tétum literário moderno. É de resto esse processo começou há muito. Quem é que usava em Dfli há trinta anos palavras como *maksalak*, *kuanan*, *knaar*, *falur* (para quem não soubesse, o Dicionário de Luís Costa permite ver por exemplo que o nome de guerra do Comandante Falur Rate Laek significa “Pombo sem Sepultura”)? O Dicionário de Luís Costa é um documento importantíssimo. O INL reconheceu isto quando, logo que saiu este Dicionário, incluiu todas as palavras provenientes do tétum térique que nele aparecem no prontuário

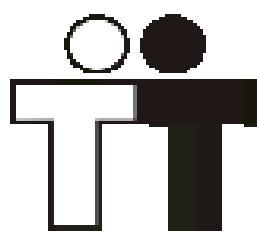
ortográfico preparado e publicado pelo INL. O INL defende que os dialectos rurais do tétum (de áreas como Soibada, Viqueque, Alas, Balibó, Suai, etc...) são uma das fontes importantes de léxico para o tétum moderno e literário que se está actualmente a cultivar, e o Dicionário de Luís Costa é um tesouro lexical inestimável a que recorrem todas as pessoas que procuram com seriedade cultivar e desenvolver o tétum.

A diferença fundamental do Dicionário de Luís Costa em relação aos materiais do INL diz respeito aos empréstimos lexicais do português. O INL define como padrão para a ortografia dos empréstimos lexicais (do português, ou do malaio - até ao séc XIX) no tétum moderno a pronúncia acrolectal, o que significa a forma como é pronunciada a palavra pelas elites, principalmente urbanas, que são também fluentes em português. O Luís Costa prefere incluir no seu dicionário a forma como essas palavras são pronunciadas pelos habitantes não-escolarizados das montanhas falantes de tétum térique e não fluentes em português. Por exemplo, onde a ortografia oficial, do INL, escreve: “*palásiu*”, “*polísia*”, “*pregu*”, “*xave*”, “*xapeu*”, “*saugati*” o Dicionário de Luís Costa tem apenas “*\*palasi*”, “*\*polisi*”, “*\*preku*”, “*\*sabi*”, “*\*sapeo*”, “*\*saukati*”. Seria como se os responsáveis dos dicionários de português se sentiram obrigados a começar a incluir como entrada



lexical a palavra “tchuba” porque é a pronúncia dos habitantes do planalto mirandês no Nordeste de Portugal que falam um português mais conservador.

Uma limitação grave é a falta de muitas palavras originárias da língua portuguesa que entraram para o tétum. Tente-se usar o Dicionário de Luís Costa para ler a tradução que o próprio Luís Costa fez para tétum da brochura da Fundação Mário Soares “A nossa vitória é apenas uma questão de tempo – Memória da Resistência do Povo de Timor-



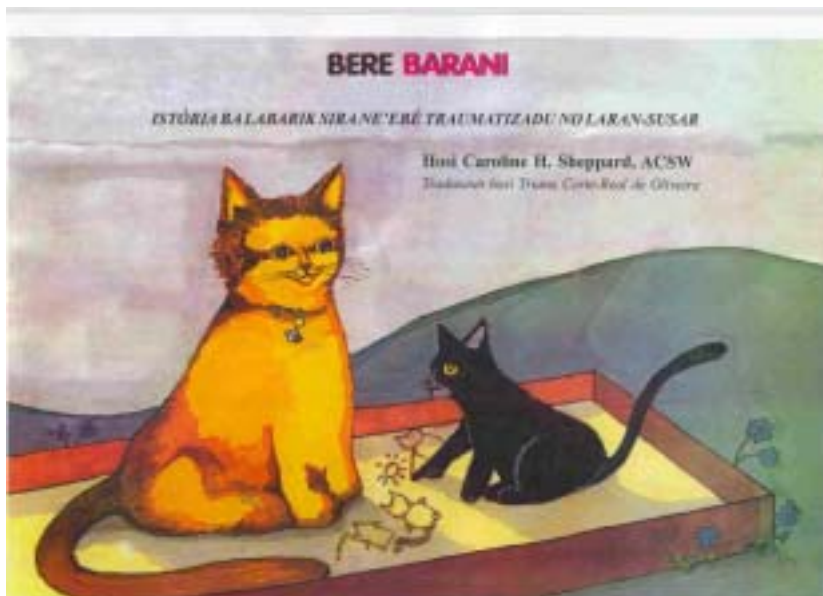
**Timor Telecom**

**MAIS PERTO DE SI!**

APÓS GLENO/ERMERA, DESDE MAIO,

**AGORA TAMBÉM  
BAUCAU**

NUM NOVO EDIFÍCIO COM TODOS OS  
SERVIÇOS À SUA DISPOSIÇÃO





## PROCESSO DE COMPILAÇÃO DO DICIONÁRIO MONOLINGUE TÉTUM – TÉTUM

A Constituição da República Democrática de Timor-Leste dá um grande valor à identidade e cultura de Timor-Leste, consagrando no artigo 13 o tétum e o português como línguas oficiais da nação. Abre também caminho para o desenvolvimento e preservação das outras 15 línguas nacionais ao lado do tétum como uma riqueza que pertence aos timorenses, e que é também património mundial. O Decreto-Lei do Governo I/2004 sobre a Ortografia Padronizada do Tétum também abre caminho para que as línguas oficiais e nacionais se desenvolvam e desempenhem a sua função na sociedade.

Apesar de consagrado na Constituição e de a maioria dos timorenses o falarem, é ainda com dificuldade que muitos utilizam o tétum na prática como língua nacional e oficial no quotidiano. Os recursos em tétum ainda são escassos, mas isso não deve ser um obstáculo mas um grande desafio para cada timorense individualmente. Com isto em mente, o Instituto Nacional de Linguística (INL), ao qual foi atribuída a função de Autoridade Linguística da RDTL, desenvolve esforços para preparar recursos vários. A compilação de um dicionário monolingue tétum – tétum tornou-se também uma prioridade para o INL.

Para começar esta compilação o INL definiu os seguintes passos. 1) Consulta de linguistas profissionais e literatura variada para poder começar a escrever. Isto inclui os linguistas que estudaram as origens do tétum; a ligação do tétum com os outros idiomas nacionais, especialmente o tétum *terik* como fonte para o tétum nacional; a ligação do tétum com o português como seu parceiro tradicional; e o desenvolvimento e preservação do tétum que foi iniciada pelos sacerdotes e pela Igreja timorense, desde o tempo do Padre Sebastião Maria Aparício da Silva (ano de 1889), Raphael das Dóres (1907), Padre Manuel Patrício Mendes e Padre Manuel Mendes Laranjeira (1934) e outros padres até ao tempo

em que a Fretilin começou o seu programa de alfabetização em tétum em 1975, até chegar ao tempo da ocupação indonésia quando a Igreja e os seus padres e crentes se empenharam colocando o tétum num lugar central nos seus espíritos e usando-o nas actividades do dia-a-dia.

2) Colocação em prática de um padrão ortográfico que sirva para escrever correctamente a língua tétum, o que significa de acordo com uma norma que reflecta a estrutura própria da nossa língua. Esta ortografia foi desenvolvida pelo INL com base na ortografia que os padres mencionados prepararam e desenvolveram há muitos anos. O INL completou apenas esta ortografia seguindo princípios linguísticos adequados para que o tétum possa funcionar melhor. Desta forma, agora há uniformidade. Já não podemos escrever o tétum com a ortografia do português ou de outra língua. O tétum tem o seu próprio sistema fonológico.

3) Preparação de uma lista das palavras do tétum, incluindo as que têm origem no tétum *terik* ou no português. Desta lista organizada por ordem alfabética, os membros do INL darão para cada palavra a sua definição, e às vezes também um exemplo ilustrativo do seu uso. Neste momento temos mais de 28.000 palavras que precisam de ser assim definidas pelo INL. Para levar a cabo esta grande tarefa os membros consultam pessoas, dicionários e literatura sobre diferentes áreas escrita em tétum, português, inglês, indonésio, etc... Numa primeira fase, o INL iniciou a preparação de um dicionário monolingue tétum – tétum para uso nas escolas. Partindo da lista do *Matadalan Ortográfiku ba Tetun Nasionál*, os membros definiram as palavras que aparecem mais vezes ou são



Adérito José Guterres Correia - Subdirector do INL

usadas para falar ou escrever no quotidiano. A compilação deste Dicionário já chegou ao fim, e será agora verificada e editada novamente antes de preparar o manuscrito final. O INL pensa em fazer sair este dicionário para o público, principalmente para as escolas, já no ano de 2005.

Na segunda fase, o INL pensa compilar um dicionário monolingue tétum – tétum mais abrangente para o público. Este também será baseado na lista do *Matadalan Ortográfiku ba Tetun Nasionál*.

Apesar de esta ser uma tarefa difícil, os membros do INL recebem-na como um desafio a ultrapassar com firmeza e presença de espírito. Nós sentimos constantemente que a cada dia aprendemos algo de novo, ainda que estejamos a trabalhar sobre a nossa língua tétum. Não há nenhum falante

que possa falar e escrever bem a sua própria língua se não estiver disposto a aprendê-la com um espírito aberto. Um investigador famoso, o Sr. Luís Filipe F.R. Thomaz disse “não há outra nação que tenha a sorte de Timor-Leste que tem o seu tétum”.

Até este momento o INL já fez sair várias edições: 1. *Hakerek Tetun Tuir Banati*. 2. *Matadalan Ortográfiku ba Tetun Nasionál*. 3. *Disionáriu Malaiu – Tetun*. 4. Gramática do Tétum (em inglês já foi publicada e revista, em português está prestes a ser impressa, e a versão em tétum está no processo de tradução). 5. Dicionário Malaio – Português (está pronto, estamos a procurar fundos para a sua impressão). 6. Estudos de Línguas e Culturas de Timor Leste (*Studies in Languages and Cultures of East Timor*). 7. Disionário Tétum

– Inglês. 8. Perfis Linguísticos (Mambai de Ainaro, Galole, Tétum-Díli, Baiqueno, Uaimoa). O INL também lançou um corrector ortográfico de tétum para computador que actualmente está a ser melhorado para funcionar de maneira mais eficiente.

Para saber mais informações, por favor contacte o escritório do INL no edifício do Liceu Dr. Francisco Machado, em Díli.

### Contacto:

Adérito José Guterres Correia  
Subdirector do INL – Díli  
Tel: 3313142

Correio-electrónico:  
inldili@yahoo.com  
<http://www.shlrc.mq.edu.au/~leccles/index.html>

Leste”. Por razões de espaço olhemos apenas para o título na tradução do Luís Costa: “*Ami hein de'it tenpu uit atu manán – Hanoin Povu Timor Lorosa'e nia Rezistensi*”. Procuremos no Dicionário do Luís as palavras “\*tenpu”, “povu”, “\*rezistensi”. Não encontramos! O problema maior do Dicionário de Luís Costa é que o autor é um purista, ainda que tenha vindo a moderar as suas posições em relação a esta questão dos empréstimos lexicais, como a tradução que referi demonstra até à saciedade. Vejamos o que ele diz como comentário à entrada lexical “e”:

“Os não falantes nativos de tétum usam sobretudo «ka». Os “não falantes nativos de tétum” a que se refere Luís Costa incluem muitos milhares de falantes de tétum-praça como língua materna (e não apenas em Díli), assim como a imensa maioria da população timorense que fala tétum-praça como língua segunda e língua franca. Para quem está familiarizado com a literatura portuguesa posso traçar um paralelo. Um leitor “mouro” nado e criado em Lisboa não tem muito do vocabulário necessário para ler por exemplo “Terras do Demo” ou

“O Malhadinhas” de Aquilino Ribeiro, por haver muitos termos próprios do mundo rural das montanhas da Beira Interior, precisa de um bom dicionário. O Dicionário do Luís Costa responde a essa necessidade de compreender o léxico vernáculo do mundo rural, que o falante cidadão não conhece. No entanto, como a tradução que o Luís Costa fez da tal brochura mostra, o Dicionário dele não dá conta de um texto vindo do mundo urbano da tecnologia e das ideias modernas. Os materiais do INL já permitem

responder a essa necessidade de modernização. Para os que clamam contra o abastardamento da língua por causa da introdução de empréstimos lexicais, pergunto, a palavra “biologia” apareceu primeiro em português, ou foi cunhada numa outra língua qualquer e depois trazida para o português? A língua indonésia, que escolhe outros parceiros, padronizou “*biologi*”. O INL padronizou para o tétum “*biolojia*”. É uma escolha coerente, com o português como parceiro permanente. Creio que o Dr. Luís Costa é um dos nomes chave no

esforço de promoção do tétum, mas creio que ele precisa de rever algumas das suas posições. Talvez numa nova edição do Dicionário dele, quem sabe?

Por tudo isto, considero que o Governo tomou a opção correcta ao oficializar a ortografia do INL, aquela que do ponto de vista científico é mais coerente e do ponto de vista político é mais fiel à política linguística definida pela Assembleia Constituinte e pelos líderes de Timor-Leste.

JPE





## REVISTA LAFAEK

### A APOSTA NA PREPARAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS DE QUALIDADE PARA AS CRIANÇAS

Muitos leitores terão já tido contacto com a Revista Lafaek, especialmente aqueles que são professores ou têm filhos a frequentar a escola primária. Se a viram ficaram certamente encantados com a qualidade dos conteúdos e a apresentação agradável e apelativa para as crianças. Num contexto em que ainda escasseiam os materiais pedagógicos específicos para o sistema de ensino em Timor-Leste, a Revista Lafaek representa uma “pedrada no charco”, uma iniciativa que se saúda.

Falámos com Aristides Xavier, Vice-Gestor do Projecto Lafaek, que nos deu uma série de dados. A publicação começou em 2001, e tem uma tiragem de 150.000 exemplares, que vai passar a ser de 175.000, o que faz dela um dos maiores, senão o maior, meio de comunicação social escrita em Timor-Leste. É publicada pela Care International, ONG de origem canadiana que iniciou actividades em Timor-Leste

em 1995, e tem sido patrocinada pela União Europeia, USAID, Care Áustria, e agora o Banco Mundial. A Care tem em Timor a trabalhar nos seus vários projectos cerca de cento e cinquenta funcionários timorenses e uma meia dúzia de estrangeiros, deste pessoal vinte e seis laboram na concepção e realização da revista Lafaek. Dos vinte e seis, treze são responsáveis pela distribuição e animação junto das escolas em todos os distritos, fazendo a revista chegar mesmo aos locais mais isolados. Actualmente é distribuída em todas as escolas primárias do país, da terceira à sexta classe, normalmente num rácio de uma revista para umas seis crianças, mas o aumento da tiragem vai permitir chegar ainda a mais alunos, idealmente virá a ser dado um



exemplar a cada um. A periodicidade é bimestral, saindo de cada vez, para além da Lafaek para as meninas e meninos, uma outra destinada aos educadores, onde se dão também sugestões de actividades para as

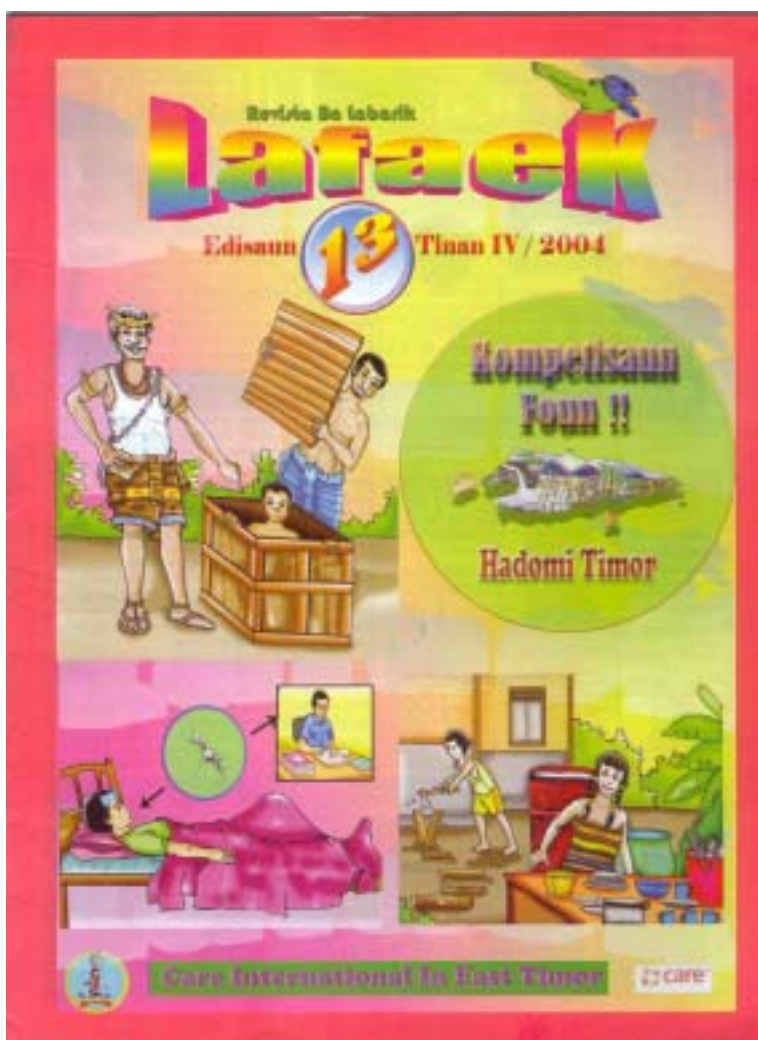
aulas usando a revista. Ambas, a das crianças e a dos educadores, são escritas em tétum, e – o que é muito importante – seguem o padrão ortográfico do INL aprovado oficialmente pelo Governo, o que

ajuda as crianças e professores a aprenderem a escrever correctamente a sua língua. No início não era assim, mas passou depois a ser, em virtude do acordado com o Ministério da Educação e o INL.

Um acordo celebrado recentemente com o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto, vai permitir o início da publicação de mais duas versões da revista: uma Lafaek Júnior para crianças da primeira e segunda classes e a correspondente versão para os professores.

A equipa de redacção e distribuição propõe-se desenvolver a língua tétum e a literacia nesta língua, criar materiais pedagógicos adequados e contextualizados para Timor-Leste, e ajudar no desenvolvimento do currículo das escolas primárias. Uma das áreas fundamentais focadas na revista é a da promoção dos direitos da criança. Também se incluem textos e actividades sobre temas diversos da sociedade e da actualidade timorense, incluindo saúde e higiene e questões de promoção da igualdade de género, numa linguagem adequada para a infância. As revistas incluem também algumas noções simples de língua portuguesa.

A Revista Lafaek está de parabéns. Deixamos um desafio ao Ministério da Educação, às ONGs, às estruturas da cooperação dos países da CPLP: para quando uma revista complementar (e com a mesma qualidade) centrada no ensino-aprendizagem do português?



# TIMOR AID

## A MAIOR EDITORA DE LIVROS EM TÉTUM

Tudo começou em 1998, através de um Programa de Desenvolvimento das Mulheres, apresentado pela Timor Aid para financiamento à União Europeia através uma parceria com a ONG austríaca Horizon 3000. O Programa tinha três componentes distintas: saúde materno-infantil, trauma, e literacia em tétum. Para desenvolver a literacia havia obviamente que produzir livros e foi a essa tarefa que a Timor Aid pôs mãos. Antes de mais havia que assegurar a colaboração dos linguistas profissionais que se dedicam ao estudo do tétum no Instituto Nacional de Linguística, para que o projecto tivesse também credibilidade científica. Foi definido que estes dariam formação sobre a ortografia padronizada oficial aos autores e tradutores, e fariam depois a correcção ortográfica de todos os manuscritos entregues para publicação. As acções de formação intensivas sobre ortografia do tétum são organizadas pela Timor Aid e ministradas pelo INL e têm normalmente uma duração de dois ou três dias. Muitos dos participantes são professores ou trabalham em ONGs. Em Julho chegou ao fim o projecto que havia sido aprovado após um período de cinco anos, com três fases distintas de lançamento de livros. Na primeira fase foram lançados cinco livros, na

segunda quatro e finalmente na terceira treze, havendo um outro que está ainda na Gráfica. Todos os livros foram impressos na Gráfica Diocesana de Baucau, com uma tiragem inicial que varia entre os mil e quinhentos a dois exemplares, eventualmente seguida por mais tiragens se os pedidos o justificarem. A distribuição é feita depois gratuitamente, principalmente nas escolas. Na primeira e segunda fases os livros foram entregues aos superintendentes do Ministério da Educação nos distritos, mas na última optou-se por ir directamente às escolas. Os funcionários da Timor Aid distribuem um ou dois exemplares de cada livro por cada escola da lista fornecida pelo Ministério, e depois estas podem enviar pedidos de mais livros à Timor Aid. Os livros publicados são sobre os mais diversos temas: histórias para crianças, cultura timorense, história, manuais para a



Cerimónia de lançamento de livros na Timor Aid

criação de animais ou espécies agrícolas, saúde, linguística... Dentro de poucos meses está prevista a publicação em tétum do mundialmente conhecido "O Príncipezinho", do autor francês Antoine de Saint-Exupery. A publicação desta obra, de que me orgulho de ser um dos tradutores, será feita com apoio da ONG portuguesa SUL - Associação de Cooperação para o Desenvolvimento, e a obtenção dos direitos de autor envolveu os bons ofícios de uma série

de gente e instituições incluindo os herdeiros do escritor, a Embaixada de França em Portugal e a editora Gallimard, detentora actual dos direitos.

Há intenção da Timor Aid de continuar com o projecto para a frente, mas neste momento é preciso esperar por uma decisão da principal entidade financiadora, a Comissão Europeia, que tem membros novos que ainda deverão avaliar a proposta. De qualquer forma, a Timor

Aid já se está a preparar para avançar no próximo ano com a publicação de mais uma série de títulos, logo que haja confirmação do financiamento. Com os fundos existentes e o apoio da DKA Áustria, prevê-se para breve a realização de outras actividades relacionadas como a formação de formadores sobre a ortografia oficial para irem ministrar cursos nos distritos, e a organização de um seminário sobre o tétum.

JPE

INTERNACIONAL

# ONU: GILBERTO GIL EM GENEBRA PARA HOMENAGEM A SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

Gilberto Gil participa, nesta semana, num concerto de homenagem às vítimas do atentado de 19 de Agosto de 2003 à sede da ONU em Bagdade, que causou 22 mortos, incluindo o brasileiro Sérgio Vieira de Mello. Um comunicado do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, o órgão que Vieira de Mello dirigia aquando da sua morte, refere que o tributo do ministro da Cultura brasileiro visa ainda promover a "reconciliação entre os povos". O concerto de Gilberto Gil, no Victoria Hall em Genebra, incluirá ainda uma interpretação do tema da iniciativa "Diálogo entre as Civilizações", interpretada por especialistas de Capoeira, da América Latina, Ásia,

África e Europa. A cerimónia é um dos eventos que está a ser programado para comemorar o primeiro aniversário do atentado. Segundo a ONU, o evento deverá contar com as participações, entre outras, do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, e da sucessora de Vieira de Mello à frente do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, a canadiana Louise Arbour. Entre outras individualidades nacionais e internacionais, espera-se também a presença da ministra dos Negócios Estrangeiros suíça, Micheline Calmy-Rey. Fonte do alto comissariado disse à Lusa que no mesmo dia, Kofi Annan

tem previsto um encontro "de carácter privado" com as famílias das 22 vítimas do ataque, antes de uma cerimónia pública no Palácio das Nações em Genebra para todos os funcionários da organização. Por seu turno, Annie Vieira de Mello, viúva do diplomata brasileiro, mandou celebrar uma missa na Igreja de S. Paulo onde decorreu o funeral de Sérgio Vieira de Mello. Vários antigos funcionários de Sérgio Vieira de Mello, nomeadamente durante o seu período enquanto administrador transitório da ONU em Timor-Leste deverão deslocar-se propositadamente a Genebra por altura da comemoração do primeiro aniversário da sua morte. Em Julho último, o jornal inglês The

Guardian divulgou pormenores de um vídeo que alegadamente identifica o autor do ataque suicida contra a sede da ONU em Bagdade. O vídeo alega que o atentado visava especialmente Sérgio Vieira de Mello, por este ter sido o "bisturi" na separação de Timor-Leste da Indonésia e pelo seu papel na ex-Jugoslávia. O autor do atentado foi identificado como Abu Farida al-Masri, um militante egípcio que jogou hóquei num clube italiano e que era o condutor do camião carregado de explosivos que embateu contra o edifício onde funcionava a sede das Nações Unidas. "Depois de regressar de Itália, ele conduziu várias operações contra os

vergonhosos Egípcios Católicos que eram especialistas em tirar a virgindade a mulheres muçulmanas", diz-se no vídeo. Abu Farida, explica o vídeo, tinha um sonho de um dia "ter a cabeça de um cristão". Esse sonho, refere o vídeo, "realizou-se" com a morte de Vieira de Mello, que foi "usado como um bisturi de cirurgião para separar Timor-Leste da Indonésia e para dividir a Jugoslávia". O vídeo, usado para recrutar mais bombistas suicidas, é alegadamente da responsabilidade de Abu Musab al-Zarqaqi, o jordano que reivindicou grande parte dos atentados do último ano no Iraque.

Lusa

o seu jornal Nacional

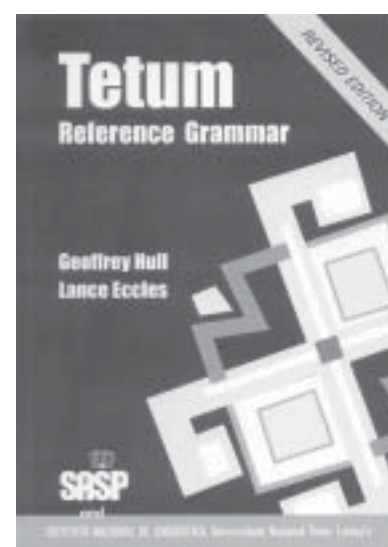
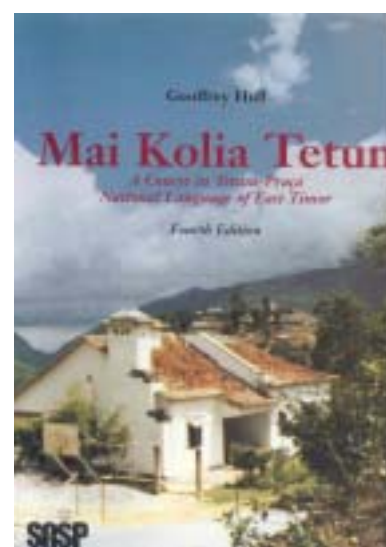
**SEMANÁRIO**

# O LINGUISTA

Ao longo da história da humanidade sempre houve línguas com mais prestígio que outras, muitas vezes por razões políticas ou militares. As línguas de povos dominados ou colonizados não tiveram frequentemente durante séculos oportunidade de crescimento e modernização, especialmente no caso daquelas cujos falantes não tinham desenvolvido nunca uma tradição escrita. Isso aconteceu não apenas no Terceiro Mundo, mas também com muitas línguas minorizadas na Europa. Essa situação começou a mudar para numerosos idiomas no século XIX, para muitos outros apenas após a época das independências a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Na maior parte dos casos os esforços de estudo, padronização e desenvolvimento de uma determinada língua foram liderados por um pequeno grupo de pessoas ou mesmo por um só indivíduo, um intelectual particularmente dotado e especialmente dedicado. Assim, é impossível esquecer o papel fundamental de Koldo Mitxelena na língua euscara (ou basco, na Espanha), de Eliezer Ben Yehuda no hebraico (Israel), de Ivar Aasen e de Knud Knudsen no norueguês, de Johannes Aavik no estónio, de Taras Shevchenko no ucraniano... Da mesma forma, é central o papel de Geoffrey Hull na investigação e

promoção do tétum – e de outras línguas de Timor Oriental. Um verdadeiro linguista, no mais completo e nobre sentido da palavra, o Professor Doutor Hull é aquilo a que se costuma chamar um génio. Nasceu numa família onde se misturam gentes de várias proveniências e línguas: da Inglaterra, da Escócia, de Itália, Malta e França. Pelo lado materno conta-se também uma permanência de três gerações no Egipto. Cresceu ouvindo em casa, para além do inglês, o italiano, maltês, francês, árabe e grego. Tendo despertado cedo para a paixão pelos livros e a linguística, começou a aprender latim e espanhol na adolescência, e um pouco de português com membros da comunidade goesa em Sydney. Na Universidade de Sydney estudou linguística histórica e comparativa, especializando-se em línguas românicas e célticas. Partiu então para Itália, a fim de fazer investigação no terreno para a sua tese de doutoramento de 1982 sobre análise diacrónica dos dialectos galoromances do Norte de Itália e do cantão de Grisons na Suíça. Ensinou filologia céltica e línguas célticas modernas (gaélico da Irlanda, galês do País de Gales, còrnico da Cornualha e bretão da França) na Universidade de Sydney (1988-1992) e deu aulas e conferências sobre italiano, francês, occitano (da

França), latim medieval e dialectologia italiana em diversas Universidades australianas (Melbourne, Latrobe, Wollongong). Tem qualificações certificadas institucionalmente como tradutor de francês, italiano, espanhol, português, romeno, maltês, alemão, polaco, ucraniano e latim. Publicou abundantemente sobre estas línguas, além de um livro sobre história da reforma litúrgica nas Igrejas Romana e do Oriente. Nos anos oitenta, aquando de uma visita à Austrália de Dom Martinho da Costa Lopes, revoltado com a atitude do Primeiro Ministro do seu país que acusava de mentiroso o Bispo por este denunciar as acções dos ocupantes indonésios aliados da Austrália, Geoffrey Hull decide investigar e publicar o que se passava na realidade em Timor Oriental. Viria a resolver também aprender tétum, o que faz com elementos da comunidade timorense na Austrália, e com recurso a alguns materiais já publicados que lhe são facultados, como o dicionário de 1907 de Rafael das Dores e uma tradução do Evangelho de São Marcos em tétum. Perante a não existência de materiais mais modernos ou orientados para o ensino da língua, prontifica-se, na sua categoria de linguista profissional, a escrever um manual para o ensino do idioma a



estrangeiros. Nasce assim o *Mai kolia tetun*, publicado em 1993, hoje já na quarta edição, e que se tornou uma ferramenta indispensável para o aprendente de tétum. Um bispo australiano convida-o para fazer parte de uma comissão que investigava as violações de direitos humanos em Timor, pelo que acaba por vir cá duas vezes durante a ocupação, em 1994 e 1997, na companhia de bispos da Austrália. Desde os anos noventa passou a dedicar a maior parte do seu labor académico ao estudo das línguas timorenses, tendo publicado um dicionário de tétum-inglês, outro de malaio-tétum, em co-autoria com Toni Pollard, além de uma série de textos fundamentais sobre linguística de Timor, e ainda recursos pedagógicos e de descrição do mambai do Suro, baiqueno, galole e uaimoa. Em 1999 recebeu o convite das Nações Unidas e da Comissão Eleitoral Australiana para traduzir os documentos da votação para o

referendo da independência, e em Agosto de 2000 foi o orador convidado por Xanana Gusmão para falar sobre “Identidade, Língua e Política Educacional” no Congresso Nacional do CNRT. A defesa que fez da importância da manutenção do português como língua oficial levou a que a Embaixada da Austrália, que lhe dava na ocasião alojamento, lhe tenha posto as malas à porta. Pertence à equipa de linguistas do Instituto Nacional de Linguística que foi responsável pelos trabalhos de padronização do tétum. A importância do seu trabalho em prol das línguas de Timor-Leste é tal que mesmo os seus detractores se vêm obrigados a recorrer mais do que gostariam de admitir aos materiais por si publicados. Timor tem sorte em ter um amigo assim.

**JPE, Icha Bossa e Irta Araújo**

(Uma versão anterior em tétum foi publicada no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3, Abril 2004)



**HOTEL TIMOR**  
DILI TIMOR-LESTE

TIMORTUR

Tel. (670) 332 4502  
Fax. (670) 332 4505

E-mail - [hoteltimor@foriente.minihub.org](mailto:hoteltimor@foriente.minihub.org)  
End. Postal - Apartado 470, Dili, Timor-Leste